

Regimes de visibilidade/conhecimento nas experiências da “(des)montagem” e do “(não) passar” por homem e/ou mulher¹

Tiago Duque²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo: O objetivo desse texto é refletir sobre as experiências da “montagem” e “desmontagem” dos corpos e do “passar por” ou não “passar por” homem e/ou mulher entre lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais. Utiliza-se nesta análise as (os) autoras/es oriundas (os) da teoria feminista e do pensamento de foucaultiano, muitos (as) da linha teórica *queer* e outras (os) pós-estruturalistas. Do ponto de vista metodológico, os dados são oriundos de pesquisa *online* e *offline*, envolvendo etnografia e entrevistas, não com foco nos sujeitos em si, mas nos regimes de visibilidade/conhecimento que os envolvem. Conclui-se, entre outras coisas, que parte das experiências analisadas almejam e conquistam, em diferentes contextos, reconhecimento enquanto, no máximo, diferentes, mas nunca como não normais, ainda que, em certa medida, possam recusar corajosamente parte das expectativas de muitas normas e convenções sociais.

Palavras chaves: identidade; corpo; gênero; sexualidade.

¹ Texto inédito. Sua primeira versão foi selecionada através da Chamada Pública feita pela Prefeitura Municipal de Niterói, por meio da Secretaria de Cultura e da Fundação de Arte de Niterói (FAN), para a publicação do livro/coletânea intitulado “I ENAC LGBT, Vol. 1”, Edital 01/2015. Até a data dessa publicação o livro/coletânea não foi lançado. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

² Professor na Faculdade de Ciências Humanas (FACH), curso de Bacharelado em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Pós-Doutorando em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Regimes of visibility/knowledge in the experiences of “(des)montage” and “(não) passar por” man and/or woman

Abstract: The purpose of this text is to reflect on the experiences of “montage” and “desmontagem” bodies and “passar por” (passing) or not “passar por” men and/or women of lesbian, gay, bisexual, transvestite and transsexual. In this analysis, the authors are drawn from feminist and foucaultian thinking, many from the queer theoretical line, and other poststructuralists. From the methodological point of view, the data come from online and offline research, involving ethnography and interviews, not focusing on the subjects themselves, but on the regimes of visibility/knowledge that involves them. It is concluded, among other things, that part of the analyzed experiences aim and achieve, in different contexts, recognition while at most different, but never as not normal, although to a certain extent they can courageously refuse part of the expectations of many social norms and conventions.

Keywords: identity; body; genre; sexuality.

Regímenes de visibilidad/conocimiento en las experiencias del “(des)montagem” y del “(não) passar por” hombre y/o mujer

Resumen: El objetivo de este texto es reflexionar sobre las experiencias del “montagem” y “desmontagem” de los cuerpos y del “passar por” o no “passar por” hombre y/o mujer de lesbianas, gays, bisexuales, travestis y transexuales. Se utiliza en este análisis las/los autoras/es oriundas (os) de la teoría feminista y del pensamiento foucaultiano, muchos (as) de la línea teórica queer, y otras (os) post-estructuralistas. Desde el punto de vista metodológico, los datos son oriundos de investigación *online* y *offline*, involucrando etnografía y entrevistas, no con foco en los sujetos en sí, sino en el régimen de visibilidad/conocimiento que los envuelven. Se concluye, entre otras cosas, que parte de las experiencias analizadas anhela y conquista, en diferentes contextos, reconocimiento como, a lo sumo, diferentes, pero nunca como no normales, aunque, en cierta medida, puedan rechazar validamente parte de las expectativas de muchas normas y convenciones sociales.

Palabras claves: identidad; cuerpo; género; sexualidad.

Refletir sobre cultura levando em consideração as experiências de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais na contemporaneidade brasileira é um grande desafio teórico e político. Do ponto de vista teórico, temos um leque de perspectivas e escolas, mesmo se focarmos apenas na área das Ciências Sociais, que é o caso deste texto. Em termos políticos, além das implicações práticas que as teorias utilizadas na interpretação dessas experiências podem gerar na arena de atuação desses sujeitos, há também a influência que a arena política tem produzido junto às reflexões mais abstratas sobre o tema, especialmente por sua dinamicidade e transformações histórico-culturais.

Parto do reconhecimento dessas transformações, da própria dinâmica da vivência cultural dessas múltiplas identidades, dos seus movimentos desafiadores não somente à interpretação científica, como também à urgente intervenção político-social diante da realidade de, em grande medida, discriminação e violência. Os dados de campo aqui reunidos de forma inédita são frutos de duas pesquisas: a do mestrado em Sociologia, defendido na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e do doutorado em Ciências Sociais, defendido na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). As versões destes estudos em formato de livro, respectivamente, são *Montagens e Desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes* (DUQUE, 2011) e *Gêneros Incríveis: um estudo sócio-antropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher* (idem, 2017). Ambas foram desenvolvidas na cidade de Campinas (SP).

Utilizo nesta análise as (os) autoras/es oriundas (os) da teoria feminista e do pensamento de Foucault, muitos (as) da linha teórica *queer*, e outras (os) pós-estruturalistas. O *queer* é uma categoria local estadunidense que pode significar excêntrico, esquisito, diferente; bem como o pervertido sexual, marginal, estigmatizado ou anormal. Antes de ser usado como uma categoria teórica, o *queer* foi empregado nos contextos do movimento social estadunidense voltado contra as propostas das organizações e do movimento gay que buscavam garantir direitos civis moralizantes e assimilacionistas à cultura hegemônica heterossexual (MISKOLCI, 2011).

Teoricamente, as (os) autoras/es *queers* alteram o foco de uma exclusiva preocupação com a limitada noção de uma possível “opressão” e “libertação” dos sujeitos sociais para a análise das práticas institucionais, da produção dos conhecimentos sobre a sexualidade e do modo como eles organizam a vida social, isto é, o foco teórico-metodológico não é para a noção de opressão das diferenças (numa interpretação estrutural de poder), mas para como elas são geradas, reiteradas, disciplinadas, controladas e também para como escapam e se apresentam de formas disparatadas nas distintas relações de desigualdade.

O objetivo é refletir sobre as experiências da “montagem” e “desmontagem” dos corpos e do “passar por” ou não “passar por” homem e/ou mulher. Para isso, do ponto de vista metodológico, este estudo envolve entrevistas e etnografia (*offline* e *online*), ainda que os registros do trabalho de campo não apareçam em destaque neste artigo. Afinal,

é dado que existe uma porosidade das relações *on-off*; a internet fala da vida off e se estrutura com base na dinâmica da vida fora da rede, e a vida off fala da internet com a mesma ou maior intensidade. (FACIOLI, 2013: 74)

Essas experiências de “montagem” e “desmontagem” dos corpos e do “passar por” ou não “passar por” homem e/ou mulher, observadas e analisadas teórica e metodologicamente, envolvem múltiplas identidades, como as de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Ao me referir às experiências, coloco-me “contra a ideia de um ‘sujeito da experiência’ já plenamente constituído a quem as ‘experiências acontecem’, a experiência é o lugar da formação do sujeito” (BRAH, 2006: 360). Com isso, a forma como é problematizada e visibilizada a diversidade identitária das (os) interlocutoras (es), neste texto, procura deixar claro que não se trata de um estudo de identidades, mas dessas experiências e do ordenamento sociocultural do qual elas são fruto e ao mesmo tempo (re) produzem. Dito de outro modo, inspirado pelos estudos de Sedgwick (1998), não foco nos sujeitos em si, mas nos regimes de visibilidade/conhecimento que os envolvem.

Esta autora norte-americana atentou-se às experiências de homens gays nos EUA do início do século XX, especialmente na questão do “(não) sair do armário”. Segundo ela, o “armário” é a maneira como a ordem sexual – desde, ao menos, o final do século XIX – se constitui, dividindo a todos dentro do binário hétero-homo, de forma a garantir a manutenção do espaço público como sinônimo de heterossexualidade pela restrição da homossexualidade ao privado. É, portanto, um regime histórico de visibilidade, mas também de conhecimento, como a própria autora se referiu na primeira linha do seu livro *A epistemologia do armário* (SEDGWICK, 1998). A percepção de que visibilidade e conhecimento estão juntos na crítica que ela faz sobre o “armário” é fundamental para também compreendê-lo como uma construção teórico-analítica-metodológica, o que me interessa aqui ao pensar na “(des)montagem” e no “(não) passar por”.

Nesse sentido, são três pontos inspiradores do seu estudo:

1. não apostar na real possibilidade de separação entre gênero e sexualidade de tal modo que se possa, de fato, construir uma experiência não generificada de sexualidade, ou vice-versa. Afinal, a própria autora, ao demarcar a distinção analítica entre gênero e sexualidade, afirmou que gênero e sexualidade são tão intrincados que cada um deles só pode se expressar em termos do outro, ainda que seja útil mantê-los analiticamente diferenciados;
2. colocar sob rasura o “armário” no sentido em que ele aparece em seus usos êmicos. Isso ocorre, por exemplo, quando ela afirma que o assumir-se não acaba com a relação de ninguém com o “armário”, porque essa revelação envolve também a percepção identitária de quem ouve a revelação, isto é, o “armário” do outro;
3. a questão não é localizar-se, binariamente, em um dentro ou fora, porque esses lugares não existem enquanto realidades possíveis; porque mesmo para os (as) mais “assumidos (as)” sempre haverá uma situação que o (a) “levará para dentro” e os (as) que confiam estar guardando bem o segredo, vira e mexe, encontram-se sob suspeita.

Estes pontos não teriam validade nesta reflexão sem que fosse reconhecido que, culturalmente, no contexto estadunidense e também brasileiro, estamos vivendo um momento em que esse regime de visibilidade/conhecimento, chamado de “armário gay”, apesar de ainda persistente no binário hétero-homo, isto é, na hegemonia heterossexual, já não é mais o mesmo. Mudanças culturais significa-

tivas ocorreram e, por causa disso, não podemos mais afirmar que ele seja necessariamente heterossexista, mas, sim, heteronormativo. Nas palavras de Miskolci (2012: 45):

Da exclusão e da invisibilidade do modelo que via nas relações entre pessoas do mesmo sexo uma doença mental e/ou um crime passíveis de prisão ou internamento passamos para o disciplinamento e a normalização que regem a visibilidade do modelo epidemiológico. Se, no primeiro, as forças eram predominantemente repressivas, coercitivas e externas, no segundo, elas são de disciplinamento, controle e internas. Não mais a ameaça do juiz ou do médico, mas a necessidade reconhecida individualmente do autocontrole e do autoajustamento, em um processo histórico em que quanto mais visíveis, mais as homossexualidades foram normalizadas a partir do modelo heterossexual reprodutivo. Esse novo regime de visibilidade não é exatamente heterossexista, tampouco serve mais à manutenção da heterossexualidade compulsória, mas permite a manutenção do binário hetero-homo por meio da heteronormatividade, a consolidação da hegemonia heterossexual.

Assim, é preciso interpretar a “(des)montagem” e o “(não) passar por” homem e/ou mulher nesta perspectiva sócio-histórico-cultural, para, então, identificarmos características de um regime de visibilidade/conhecimento em atuação nos nossos dias. A aposta é que, caracterizando esse regime nesta perspectiva metodológica, política e teórica, compreenderemos melhor a experiência cultural de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Além disso, teremos mais elementos para pensar novas possíveis intervenções junto a essa população em diferentes contextos, ainda que, como já informado, os dados sejam restritos às experiências vividas apenas na cidade de Campinas.

“Montando” e “desmontando”, “passando por” e não “passando por”

“Montagem” refere-se ao ato de vestir-se com roupas de mulher. Benedetti (2005), ao estudar travestis, classificou a “montagem” como um processo de manipulação e construção de uma apresentação que seja suficientemente convincente, sob o ponto de vista delas, de sua qualidade feminina. No caso desse grupo, o convencimento é garantido, também, através de outras ações que podem compor a “montagem” em um sentido mais amplo, como os hormônios femininos adotados por elas desde o final da década de 1960 (GREEN, 2000) e a técnica de aplicação do silicone líquido que, apesar dos avanços no campo das cirurgias estéticas, continua sendo comum entre travestis devido ao alto custo dos procedimentos cirúrgicos oficialmente legalizados e sob os cuidados dos (as) profissionais autorizados (as). Muitas travestis, inclusive, ao definirem-se, baseiam-se nessa experiência. Dizem elas: “Ser travesti é estar ‘montada’ vinte e quatro horas por dia”. Transexuais, por sua vez, ao se referirem à construção de seus corpos e performances femininas, nem sempre se identificam com o uso do termo “montagem”. Muitas acabam se definindo pela recusa a ele, por não se verem “montadas como mulher”, mas como “mulheres”.

Este termo não se restringe apenas à caracterização de identidades travestis e transexuais, por meio dele é possível compreender outras experiências, como a de *drag queen*. Segundo Vencato (2003), o que diferencia as *drags* de travestis e transexuais, por exemplo,

são aspectos como temporalidade, corporalidade e teatralidade. Temporalidade porque a drag tem um tempo “montada”, outro “desmontada” e, ainda, aquele em que “se monta”. Diferentes das travestis e transexuais as mudanças no corpo são feitas, de modo geral, com truques e maquiagem. A corporalidade drag é marcada pela teatralidade, perspectiva que é importante para compreender estes sujeitos. (idem: 196)

No entanto, esta diferenciação aparece cada vez mais fluida e dinâmica, seja na temporalidade, corporalidade ou na teatralidade. Ainda assim, na “montagem” realizada por parte de travestis e, especialmente, de transexuais, há uma busca de naturalidade que comumente a *drag* não tem (SILVA, 1993; BENEDETTI, 2005, BENTO, 2006; KULICK, 2008; PELÚCIO, 2009; DUQUE, 2011; TEIXEIRA, 2013; DUQUE, 2017). Esta busca por naturalidade foi percebida desde os primeiros estudos sobre travestis (isto é, que envolviam a “montagem”) no Brasil. Segundo Silva (1993), todo o esforço delas é em busca de um “passar por” mulher: “Seus êxitos e motivo de orgulho estão contidos em tal possibilidade” (idem: 129).

O “passar por” mulher está diretamente ligado às experiências da “montagem”. Por isso, como citado acima em relação à recusa ao termo “montagem” por algumas transexuais, o mesmo acontece com o “passar por”. Afinal, para muitas transexuais, a construção do feminino não é uma questão de “passabilidade”, mas de “ser mulher”. Em outras situações, envolvendo mulheres masculinizadas (desviantes de gênero) em contextos estadunidenses, como aponta Halberstam (2008: 44), a noção de “passar por” é muito pouco útil.

Passar, tradicionalmente, pressupõe que existe um eu que se transforma em um outro eu diferente, e que o faz com êxito; em diversos momentos, este personagem construído pode ser coerente a algo semelhante a uma identidade. Nesse momento, a pessoa que passa por se *converteu em*. Mas, o que ocorre quando uma mulher biológica se apresenta a si mesma como *butch* [sapatão], passa por ser um homem em algumas circunstâncias e é vista como uma *butch* em outras, e não se considera a si mesma uma mulher, mas mantém uma distância em relação à categoria “homem”?³

Contudo, há experiências de “montagens” e, conseqüentemente, de “passar por” mulher buscadas e valorizadas no campo de pesquisa aqui em questão, especialmente junto a adolescentes e jovens efeminados, ou que se identificam como travestis. Para exemplificar essa realidade, envolvendo uma nova geração, proponho, a partir do conceito analítico *montagem estratégica*, pensarmos na construção e na desconstrução da feminilidade de quem “se monta” via uma manipulação da vergonha e do estigma para se conquistar, entre outras coisas, parceiros sexuais e transitar na escala de exposição à violência. Isso implica, no caso de algumas travestis mais jovens, em não mais “*estar de mulher vinte e quatro horas por dia*”.

Gabriela, branca, 17 anos, estudante de classe média baixa, por exemplo, que se interessa afetiva e sexualmente preferencialmente por homens, mas que diz às vezes “ficar com uma mulher”, *se desmonta* em alguns espaços de sociabilidade gays quando busca relacionamentos mais duradouros, porque, segundo ela: “A aparência conta. Do mesmo jeito que eu procuro um namorado gay, mas com jeito de homem, ele também vai querer um com jeito de ‘hominho’, não com jeito de menina”.

Vivian, morena, 18 anos, também estudante de classe média baixa, relata outra experiência. Ela, que somente se relaciona afetiva e sexualmente com homens, ia “montada” a boates tidas como “de héteros” porque “passava por” mulher. Ela contou que chamava tanta atenção que incomodou suas amigas mulheres, principalmente quando conseguiu beijar um “homem lindo” que a levou de moto para casa. Evidentemente que, caso se percebesse não passável, jamais iria “montada” a um espaço como esse, afinal, segundo suas próprias impressões, sofreria discriminações e violência por parte dos outros frequentadores.

³ Tradução livre feita pelo autor do artigo.

Fernanda, durante sua entrevista, comentou sobre essa realidade de reprovação envolvendo a “montagem” e a “passabilidade”. Ela tem 47 anos, é funcionária pública de classe média e, enquanto lésbica, não busca “passar por” homem, ainda que em campo tenha sido apontada como “passável”. Disse que sempre desejou cortar os cabelos muito curtos; quando, finalmente, tomou a decisão, foi depois de ter bebido com as amigas. Até o momento em que algumas pessoas elogiaram falando que tinha ficado muito legal, esteve sob tensão: “Porque você nunca sabe a reação das pessoas, porque podem tanto falar ‘ai, que legal’, quanto, ‘ai, que horror’, ‘que mau gosto’, ‘que coisa deplorável’, sei lá. É sempre uma expectativa”. Ela disse-me nunca ter se “montado” de homem, a não ser em momentos de diversão, como no caso de uma festa a fantasia. Ela admira quem tem a coragem de se *montar*, e contou-me a seguinte situação vivida em uma loja de aluguel de roupas para padrinhos e madrinhas de casamento:

Fernanda: - *Fui em uma loja de padrinhos e madrinhas e fui alugar uma roupa lá. Um fraque, um meio fraque, um negócio. E, normalmente, estas lojas são tudo de crentes, evangélicos, né? Daí eu expliquei pra ela: “olha, é uma festa, uma festa do contrário, os meninos vão de mulher e as mulheres vão vestidas de homem”. Então, eu fui lá e aluguei uma roupa de padrinho, assim, de casamento, para ir na festa.*

Pesquisador: - *Se você não tivesse falado, se você tivesse ido lá para alugar uma roupa, ponto. Se não tivesse a festa.*

Fernanda: - *Ah, eu não teria coragem. Eu não teria coragem [silêncio].*

Pesquisador: - *Vamos supor que fosse para a festa, mas que você fosse para a loja sem dizer que iria para a festa.*

Fernanda: - *Eu não iria conseguir. Eu teria que falar: “olha, não é isso o que você está pensando” [risos da entrevistada e do pesquisador]. Mas, com a calça na mão: “não é nada disso que você está pensando”. Eu não tenho essa coragem.*

[...]

Pesquisador: - *Você acha que o tratamento seria diferente se você não falasse que era para a festa?*

Fernanda: - *Ah, eu acho que sim. Sabe aquele clima de incômodo? Aquela coisa assim, desconforto para os lojistas? Porque é daquelas lojas que tem escrito assim “O senhor é o meu pastor, nada me faltará”. Nessa que eu fui.*

(Transcrição da entrevista feita em 23 de janeiro de 2012)

Por isso, a *montagem estratégica* extrapola os limites de uma escolha pessoal, de uma simples agência autodefinidora do sujeito, pois é feita em meio às exigências que a relações socioculturais lhe impõe. Nos termos de Ortner (2007), a agência tem a ver com a intencionalidade e com o fato de se perseguir projetos, sempre culturalmente definidos. E, também, de forma entrelaçada, com o poder, com o fato de agir em contextos de relações de desigualdade, de assimetria e de forças sociais.

A frequente pergunta “*lá pode ir ‘montada’?*”, feita muitas vezes por aqueles (as) que se “montam”, tem me possibilitado conceituar a montagem estratégica, considerando a “agência” nos termos anteriormente expostos, a partir das reflexões de Certeau (2000) sobre estratégia e tática. Estratégia, de um modo geral, é a ação racional que avalia custo benefício. Ela postula um lugar de poder como algo próprio, a ser a base de onde se podem gerir as relações, manipular a partir de uma exterioridade de alvos ou ameaças (idem), mas, como me referi anteriormente, isso é feito em meio às exigências que a relações socioculturais lhe impõe. Por isso, penso esse lugar como situacional, ligado a certo momento, dinâmico. Assim, o sujeito pode tomar ações estratégicas, mas também agir taticamente. A tática, nas reflexões deste autor, é plástica e fruto da astúcia, uma reação de resistência no local, não planejada. Segundo Certeau (2000: 100), diferentemente da estratégia, a tática é um conceito determinado pela ausência de um lugar próprio, de poder:

Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha.

Sendo assim, algumas travestis bastante jovens se *desmontam* para frequentar lugares de encontros gays em busca de namoros mais duradouros – afinal, meninos gays comumente não se interessam afetivo-sexualmente por travestis – enquanto investem na “montagem” para ir a lugares de frequência tida como “mais de hétero” para beijar meninos na boca pelo fato de, quando “montadas”, muitas “passarem por” mulheres. Por isso, segundo Demétrio (2018: 10), “a passabilidade pode ser, também, definida como um *modus operandi* social de (re) produção da cisheteronormatividade, como norma simbólica e política de gênero e sexualidade, hegemônicas na sociedade”.

As mais jovens também se “desmontam”, isto é, “fazem a linha” homem para ir à rua durante o dia e tentar não chamar a atenção, nem ser vítima de violência, como também relatado por Kulick (2008), em seus estudos com gerações anteriores. Esse “fazer a linha” é um “parecer ser”, e está diretamente ligado à noção de montagem estratégica porque, às vezes, é consciente, detalhadamente manipulado, estudado, treinado, exercitado e garante, por exemplo, a permanência junto à família como menino ou na frequência à escola. Em outros momentos, parece ser algo pouco racionalizado, planejado, quando, por exemplo, “montadas” sem a intenção de “passar por”, acabam sendo reconhecidas como mulher em alguma loja – neste caso aproveitam para “serem bem tratadas”.

Por exemplo, um dos maiores momentos de alegria para Rafaela foi quando entrou em uma loja de sapatos para comprar um presente para o pai. Ela tem 29 anos, é “morena de cabelos loiros”, se identifica como travesti, trabalha como auxiliar administrativa e também se prostituindo, pertencente a uma família de classe média baixa. Na ocasião, estava acompanhada da mãe. Segundo ela, foi lindo as duas lá, sendo atendidas como duas mulheres, “*tudo tão natural, até nos ofereciam sapatos femininos também*”. O problema foi quando teve que efetuar o pagamento com o cartão de crédito. Ela foi obrigada a mostrar o documento de identidade (RG) e sofrer com a recusa da compra em um primeiro momento até tudo ser compreendido pela atendente, que não iria vender para quem não era o proprietário do cartão.

A questão do reconhecimento e dos riscos diminuídos para possíveis situações de violência ou tratamento vexatório, via a conquista de “passar por”, também está presente no que me relatou Rafael, 29 anos, branco, funcionário público, que foi socializado em uma família de classe média e se declara “homem transexual hétero, em transformação ainda”. A “montagem” não é um termo usado entre homens transexuais, mas, o “passar por”, aparece com frequência nos discursos de Rafael e de outros “homens trans”. Almeida (2012), estudando esses homens, avalia que o “passar por” é buscado e valorizado por esse grupo devido ao desejo predominante de sumir na multidão, o “direito à indiferença”. “Essa invisibilidade adquirida com frequência a duras penas significa para a maior parte um agradável momento de trégua na estressante e contínua batalha por respeito à identidade/expressão de gênero” (idem: 519).

Segundo Rafael, ele só passou a ser entendido e reconhecido enquanto homem no ambiente do antigo trabalho depois que foi publicada uma reportagem sobre a sua transexualidade em um jornal diário bastante popular na cidade. Seus companheiros de trabalho passaram a aceitá-lo porque entenderam sua entrevista de forma equivocada, como se ele já tivesse feito a cirurgia de faloneoplastia, isto é, a constituição de um pênis.

Ele não corrigiu a interpretação errônea que tiveram da sua experiência porque, me disse, tudo mudou para melhor depois que passaram a reconhecê-lo como homem, inclusive as mulheres do trabalho passaram a demonstrar interesse afetivo-sexual para com ele. Durante o trabalho etnográfico, pude perceber que parte desses interesses também vinha dos seus conhecidos *gays*, ou de mulheres com quem pude conviver e ouvir depoimentos espontâneos do quanto ele estava ficando cada vez mais atraente.

A crença dos outros no seu corpo com pênis, seja para os homens, seja para as mulheres, lhe garantiu reconhecimento. A inteligibilidade cultural de ser homem com pênis é normativamente reiterada na sua experiência, conformando expectativas convencionais que, entre outras coisas, envolve, inclusive, tornar-se mais desejável. Assim, se as suas experiências, como outras discutidas aqui, denunciam a performatividade da própria heterossexualidade como culturalmente construída, nos faz entender o quanto estes processos de construção dos corpos são constitutivos deles mesmos. Isto é, “os corpos só surgem, só permanecem, só sobrevivem dentro das limitações produtivas de certos esquemas reguladores com alto grau de generalização” (BUTLER, 2008: 14).

Outro grupo que se “monta” e se “desmonta” são os homens praticantes de *crossdressing*. Parte destes homens pratica a “montagem” sob segredo, mantendo uma vida dupla entre estar ou não vestido de mulher. Por isso, como analisou Vencato (2013), eles também mantêm um flerte com as ideias de cálculo, desejo e risco, afinal, há um medo constante de perderem a “vida respeitável” construída enquanto “desmontado”. É por isso que o “passar por” mulher quando “montados” faz todo o sentido, especialmente quando estão “montados” em locais públicos.

Esse risco de se tornar alguém não respeitável está vinculado diretamente à possibilidade de ser vítima de violência, não por acaso há em campo o reconhecimento, por parte de certos (as) interlocutores (as), da necessidade de se ter coragem para engajar-se nesses processos de “montagem” e “passabilidade”. Dados de pesquisa corroboram essas percepções, afinal, indicam o espaço público como sendo o lugar onde a maior parte das “pessoas trans” sofre violências, além disso, esses dados apontam para os (as) autores (as) dessas violências como sendo pessoas desconhecidas das vítimas (FACCHINI, FRANÇA e VENTURI, 2007).

Mas também há experiências que buscam exatamente o contrário, isto é, revelar o processo da “montagem”, mesmo quando é tido (a) como “passável”, para conquistar status de reconhecimento e respeito. Em contextos de valorização das diferenças, por exemplo, alguns que se “montam” e poderiam “passar por”, anunciam o seu “verdadeiro sexo” para ser visto (a) como alguém corajoso (a) e diferente. Em vez de buscar “passar por” para não ser notado (a), denuncia-se a si mesmo como uma “montada” para ser admirada e não “passar por” alguém “igual a todo o mundo”. Isso ocorre no ambiente *offline* e *online*.

Morgana, 48 anos, que se declara “mulher transexual lésbica”, pertencente a uma família economicamente pobre, ficou sem emprego durante parte do trabalho de campo e, em outro momento, foi contratada como lavadeira de roupas em uma pequena empresa especializada nesse serviço. Ela aponta o Movimento Social LGBT como sendo o lugar em que menos se interessa em “passar por”. Não somente pelo fato de ela se autoidentificar politicamente como mulher transexual lésbica, mas principalmente pelo fato de ela ser “diferente das outras trans”, o que a deixa também com uma missão importante, “militar dentro do próprio movimento”. Morgana ganha diferenciada visibilidade política em contextos de mili-

tância pelo fato de ela fugir do estereótipo generalizado da transexual “princezinha”: devido a sua idade e características físicas, especialmente a calvície, a marca da barba e o corpo gordo. A “não passabilidade” de Morgana também chama a atenção de forma positiva em outros movimentos sociais, como a Marcha das Vadias e o Movimento Passe Livre, que estão questionando as relações entre poder, gênero, cor/raça e classe social.

As suas características físicas são entendidas por muitos interlocutores (as) em campo como sendo o que não permite que Morgana “passe por” mulher, mas, como ela mesma relatou, o “passar por” reflete o quanto ser homem e ser mulher, “no próprio conhecimento pequeno - preconceituoso das pessoas - é fluído, e elas não dão conta, realmente, do quanto”. Ela chama a atenção para a falta de consenso sobre quem “passa” e quem não “passa por”. Contou-me que em algumas situações “passa tranquilamente por” mulher. Como tem engordado e ganhado barriga, um exemplo em que passou por mulher foi quando estava em um ônibus público e uma mulher pediu para que o filho desse lugar para “a mulher que está grávida sentar”. A suposta gravidez, enquanto um sinal reconhecido como “natureza da mulher” é uma característica de feminilidade que ao olhar das pessoas suplanta os resquícios de masculinidades.

Nas redes sociais, como o Facebook, é comum algumas “passáveis” quando “montadas”, divulgar suas imagens enquanto masculinas, isto é, “desmontadas”. Mende se encaixa nessas experiências. Ela tem 21 anos e pertence à classe média. É magra, branca e se declara “*uma garota heterossexual*”. Ela é reconhecida no Facebook como alguém de coragem e sucesso porque se tornou, via a transformação corporal e do gênero, uma pessoa linda, “um modelo de beleza”, mesmo sem o uso de silicone ou outras cirurgias estéticas, apenas tomando hormônios femininos.

Já nos casos de travestis e transexuais que passaram por processos cirúrgicos, dificultando um vai e vem radical entre “estar de homem” e “estar de mulher”, elas divulgam nas redes sociais as suas fotos do tempo de criança ou adolescência, com elementos corporais e estéticos tidos como “de meninos”, para demonstrar o quanto foram corajosas, diferentes e capazes em construir uma imagem feminina de si. Os comentários de amigos, parentes ou até mesmo alguns desconhecidos, relativos a estas imagens no Facebook, são de incentivo e admiração.

No entanto, no caso de Lelé, as críticas negativas são mais presentes. Ele afirma ser gay, tem 46 anos, é negro, não se vê como másculo e esteve desempregado a maior parte da pesquisa. Os seus amigos já insistiram muito para que ele “virasse travesti”, por ser muito feminino e para que ele ficasse sempre “de mulher”, não somente nos shows. Ele, que é *drag queen*, nunca pensou em ser travesti. Disse que gosta do seu corpo como está, de ser homem, gay. Segundo dados de campo, ele “montado”, “não *passa por* mulher de jeito nenhum”, mas ele me contou que, sem ter a intenção, já foi confundido com mulher quando estava “montado” em uma “boate GLS”.

Tive a oportunidade de ver alguns shows de Lelé e uma marca é o riso do público, que é sempre garantido. Em um deles, ele apareceu com roupas justas e sobre elas outras peças menos apertadas ao corpo, como saia e uma blusinha feminina. Também usava uma espécie de capa, tudo colorido; além de plumas e uma peruca aparentemente mal fixada. Movia-se fora do ritmo e com alguns movimentos repetitivos dos braços, olhando fixamente para o público, com uma maquiagem pouco sofisticada no acabamento. Deixou cair parte do figurino após algumas tentativas de mantê-la presa ao corpo. Mesmo sendo diferente do esperado, para a maioria das pessoas, seus shows agradam muito. Perguntei se ele se

considera uma *drag caricata*. Vencato (2002) estudou *drag queens* na Ilha de Santa Catarina e, quanto ao estilo *caricata*, informou que em campo descobriu que o que se espera de uma caricata é que ela seja “ridícula”, “cômica”, “exagerada”, em oposição à estética da *top-drag*, que é “impecável” e “bela”. Ele me respondeu que não, diferenciando-se não pela imagem alegórica de uma caricata, mas pelo seu discurso:

porque o caricato é escrachado, com alguns palavrões [...]. Eu faço o meu deboche para a pessoa rir de mim, não vou debochar da pessoa. Então, eu acho assim, é mais um estilo humorístico, e não totalmente caricato, porque eu não faço aquele show agressivo. (Transcrição da entrevista realizada em 15 de fev. de 2012)

A experiência destes (as) interlocutores (as) corrobora aquilo que Hall (2000: 106) apontou em relação à identificação. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao jogo da diferença/diferenciação/do diferenciado e opera por meio deles:

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma saturação, uma sobreposição, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado”, ou “muito pouco” – uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. [...] Ela obedece à lógica do mais-que-um. E uma vez que, como num processo, a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de efeitos de fronteiras. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui.

Estas fronteiras simbólicas ocorrem diante de contextos de interação no interior do jogo de modalidades específicas de poder, culturalmente definidas. Como afirmou o autor, é de onde emergem as identidades como produto da marcação da diferença. Por isso, identificar-se ou ser identificado, negar a identificação ou não ter a identificação reconhecida, via a “montagem” e o “passar por”, são parte do mesmo processo social em que tornam determinadas pessoas inteligíveis culturalmente (seus corpos e subjetividades), sejam elas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou não. Dito de outro modo, as especificidades deste grupo em detrimento de outros, o que poderíamos apontar como características culturais específicas, compõem o que identificamos como um típico regime de visibilidade/conhecimento contemporâneo, aquele que, via a “montagem” (ou a construção dos corpos), favorece o “passar por” homem e/ou mulher. Mas, não apenas isso. Favorece, inclusive, a compreensão, via esse regime, de parte de nossa cultura contemporânea (deles e da sociedade como um todo).

Sobre um novo regime de visibilidade/conhecimento: a título de conclusão

Esse regime de visibilidade/conhecimento que é caracterizado pelo “passar por” via a “montagem”, ainda que em meio a uma cultura que cada vez mais consolida um discurso de “respeito/valorização das diferenças”, mostra que os (as) participantes desta pesquisa, ou buscam reconhecimento, correspondendo às convenções e às normas sociais para se livrarem da violência sofrida por quem não “passa por” em determinadas interações, ou, dependendo do caso, via a não “passabilidade”, tentam alçar um status social que também os (as) faz ser reconhecidos (as), neste caso, como corajosos (as) e diferentes, contribuindo, assim, para que igualmente não sofram rechaços e discriminações diversas. Essas possibilidades, no entanto, não podem ser compreendidas de forma binária ou linear, isto é, em separado. Comumente, dependendo do contexto da interação, o (a)

mesmo (a) interlocutor (a) almeja e/ou atinge tanto uma quanto outra experiência de reconhecimento.

Assim, se antes o medo das consequências do “assumir-se” nos mostrava o quanto o “armário” (a opressão e a subjetivação que ele produz), enquanto um regime de visibilidade/conhecimento, era revelador da ordem sexual, logo, também de uma ordem social, hoje, em contextos culturais de valorização da diferença, o regime da “passabilidade” garante novas interpretações culturais, tanto daqueles (as) identificados (as) ou classificados (as) como lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais, como daqueles (as) tidos como “os mais normais dos normais”.

A análise do novo regime de visibilidade/conhecimento discutido aqui permite observar exatamente aquelas experiências que almejam e conquistam, em diferentes contextos, reconhecimento enquanto, no máximo, diferentes, mas nunca como “não normais”, ainda que, em certa medida, possam recusar corajosamente parte das expectativas de muitas normas e convenções sociais. Talvez aí esteja uma característica cultural típica do grupo aqui estudado, em meio aos esforços de driblar normas socialmente construídas em relação ao que é e o que não é inteligível, isto é, reconhecível culturalmente, afirmar-se como diferente, mas nem tanto, pode ser uma saída em meio a possibilidades de rechaços, discriminações e violências. Dito de outro modo, aproximar-se dos normais, isto é, daqueles mais inteligíveis – ser identificado como um homem e uma mulher de “verdade”, em termos também de classe, raça/cor e idade mais privilegiados – é uma forma de se proteger, mas diferenciar-se dos normais e dos tidos com experiências mais coerentes com as convenções hegemônicas, inclusive alçando a categoria de corajosamente diferente, é outra forma de fazê-lo.

Politicamente, é preciso estar atento a esse novo regime, focado mais no “sexo” (“passabilidade”) e menos na “orientação sexual” (“armário”), que aloca necessidades e demandas em outro patamar, que não apenas aquele da visibilidade simplesmente, mas de processos de visibilidades e de se fazer conhecido, ou de dar-se a conhecer; processos esses totalmente imbricados em diferentes conhecimentos sobre o que vem a ser homem e mulher, “normal” ou “diferente”, em nossos dias.

Conclui-se afirmando que nesta reflexão não se buscou definir fronteiras culturais, ou um possível início e fim da experiência cultural ligada a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Antes, ainda que tudo isso tenha sido tangencialmente discutido e analisado, o que me parece, política e teoricamente importante, foi o quanto o “(des)montar-se” e o “(não) passar por” estão definidos e são definidores de processos identitários, logo, culturais, mais amplos que este grupo. A compreensão dessa dimensão da reflexão pode ter várias implicações políticas, sendo uma delas a necessidade de pensar a produção cultural desse grupo para além dele mesmo, valorizando, assim, suas próprias especificidades.

Recebido em 10 de outubro de 2019.

Aceito em 15 de fevereiro de 2020.

Referências

- ALMEIDA, Guilherme. “Homens trans’: Novos Matizes na aquarela das masculinidades?” *Revista Estudos Feministas*, 20 (2): 513-523, 2012.
- BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, 26: 329-376, 2006.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DEMÉTRIO, Fran. “Pele trans, máscara cis: eu tive que “cispassar por” para chegar até aqui”. In: DUQUE, Tiago. *Gêneros incríveis: um estudo sócio-antropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher*. Salvador: Ed. Devires, 2019.
- DUQUE, Tiago. *Montagens e Desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. São Paulo: Annablume, 2011.
- DUQUE, Tiago. *Gêneros incríveis: um estudo sócio-antropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2017.
- FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins; VENTURI, Gustavo. *Sexualidade, cidadania e homofobia: pesquisa 10ª. Parada do Orgulho GLBT de São Paulo - 2006*. São Paulo: APOGLBTSP, 2007.
- FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues. *Conectadas: uma análise de práticas de ajuda mútua feminina na era das mídias digitais*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal de São Carlos, 2013.
- GREEN, James N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- HALBERSTAM, Jack. *Masculinidade Feminina*. Barcelona: EGALES Editorial, 2008.
- KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.
- MISKOLCI, Richard. “Desejos em rede: notas sobre segredos e mentiras em relações mediadas digitalmente”. In: PELÚCIO, Larissa et al. (orgs). *Gênero, sexualidade e mídia: olhares plurais para o cotidiano*. Marília: Cultura Acadêmica Editora, 2012. pp. 35-55.
- MISKOLCI, Richard. “Não somos, queremos – reflexões queer sobre a política sexual brasileira contemporânea” In: COLLING, L. (org.). *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: UFBA, 2011. pp. 37-56.
- ORTNER, Sherry. “Poder e Projetos: reflexões sobre a agência”. In: GROSSI, Miriam et al. (orgs.). *Conferências e Diálogos. Saberes e Práticas Antropológicas*. Brasília: ABA/ Nova Letra, 2007. pp. 45-80.
- PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e Desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2009.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemología del armario*. Barcelona: Ediciones de La Tempestad, 1998.

SILVA, Hélio R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ISEER, 1993.

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. *Dispositivo de dor: saberes-poderes que conforma as transexualidades*. São Paulo: Annablume, 2013.

VENCATO, Anna Paula. *Sapos e Princesas: prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2013.

VENCATO, Anna Paula. Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. *Cadernos AEL*, 18/19: 151-179, 2003.

VENCATO, Anna Paula. “*Fervendo com as drags*”: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays na Ilha de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.